



AQUELE QUE VENCEU

A
GUILHO
TINA



PEDRO PANTOJA

MEPHISTO

FREE BOOKS

PEDRO PANTOJA

&

MEPHISTO

AQUELE QUE VENCEU A
GUILHOTINA
E OUTROS CONTOS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – NOSSOS AUTORES

TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: AQUELE QUE VENCEU A GUILHOTINA E OUTROS CONTOS

Autores: Pedro Pantoja e Mephisto

País de origem: Brasil

Imagem da capa: J. A. Bauce (1818 – 1875) e Héliodore Pisan (1822 – 1890)

Leiaute da capa: Canva

Série: Nossos Escritores – vol. 10

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da tradução: © do editor, nos termos do art. 40, “caput” e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net , www.contosdeterror.com.br

Sumário

[AQUELE QUE VENCEU A GUILHOTINA](#)

[O CARRASCO DE NANTES](#)

[A ÚLTIMA EXECUÇÃO DO CARRASCO DE NANTES](#)

[A MISSÃO DO CIDADÃO DE MAINTENON](#)

[SOBRE OS AUTORES](#)

AQUELE QUE VENCEU A GUILHOTINA

As execuções na vila de Mariano César aconteciam à noite. Lá, a guilhotina já havia separado cinco cabeças de seus corpos, numa única noite. Mas a história da execução de Miguel Verde fugiu à normalidade. Não me recordo bem do crime que Miguel cometera, contudo me recordo vivamente de sua execução por dois motivos: o primeiro porque fui seu carrasco. O segundo, em que pese ser inacreditável, é verdadeiro e lhes narro ainda sobressaltado.

Seria a única execução da noite. Uma ventania nunca vista antes fustigava os cabelos e as roupas das testemunhas que apareciam para ver o cumprimento da sentença. Quando a carroça parou, o outro carrasco ordenou que o condenado descesse para depois subir ao patíbulo. Miguel trazia uma mordaca à boca e vestia somente uma calça deveras rota. As mãos estavam amarradas atrás das costas e o pescoço com grossos lanhos perceptíveis mesmo a pouca luminosidade.

Junto à população e a alguns guardas, o comandante da execução, major Ruiz, perguntou-o se desejaria algo desta vida antes de morrer. Verde meneou a cabeça afirmativamente. Então, o major me mandou tirar a mordaca para que aquele pudesse falar.

— Desejo que, após a execução, a vila me considere como um homem livre; que tenha pagado sua divida com a sociedade. Não desejo mais ser importunado por ninguém – solicitou Miguel Verde.

O major Ruiz riu-se placidamente e virando-se para as pessoas presentes, cuja quantidade grassava, falou:

— A lei não proíbe que, após as execuções, os condenados sejam considerados livres, meus senhores. Também é demonstração da piedade que nossa vila pode oferecer. Para mim não há problema. Assim, peço que se alguém se opuser, fale agora.

Todos mantiveram o silêncio.

Então o major determinou, valendo-se de um tom jocoso:

— Após a execução, o estafermo será perdoado.

As pessoas presentes riram pelo adjetivo dispensado ao condenado. Ainda assim, Miguel Verde curvou sua cabeça em agradecimento. A mesma cabeça que seria decapitada! Em seguida, recoloquei a mordaca e dei-lhe voz de comando para aboletar seu pescoço no vão de madeira por onde a lâmina passaria, no que prontamente obedeceu. Enquanto o outro carrasco o vigiava, fechei o madeiro superior envolta do pescoço de Miguel, travando-o com dois ferrolhos inalcançáveis por suas mãos.

Ao sinal do major, soltei a corda que sustinha a afiadíssima lâmina.

O som da morte reboou pela vila. A execução havia terminado, porém algumas pessoas gritaram horrorizadas. Distingui quando uma voz senil e trêmula, esconsa no meio dos espectadores, berrou um premonitório “Santo Deus, isso é impossível”.

Rapidamente compreendi que algo dera errado na execução. Não havia sangue no estrado e o cesto que aparava as cabeças decapitadas estava vazio. Maquinalmente, eu olhei para o decapitado que se mantinha imóvel, a não ser pelo sorriso que estampava por trás da mordaca. A lâmina passara pela sua garganta e ele não produzira um espasmo muscular sequer. O homem havia sobrevivido à execução pela guilhotina. Apavorado, eu me perguntava como.

A despeito dos gritos aterrados da população, o outro verdugo não havia percebido que a guilhotina fora vencida.

Enquanto o major Ruiz olhava incrédulo para o cadafalso, Miguel Verde, num movimento medonho, levantou-se lentamente. Seu pescoço transpassara o madeiro que o segurava. Já havia desatado o nó das mãos e soltado a mordaca. Então olhou para o público, cujas colunas vergavam-se para trás por puro assombro, e disse:

— Enforquei-me há algumas horas e escondi meu corpo debaixo da cama, na cela. Agora sou uma alma livre, já que nada mais devo a vocês. Enterrem-me dignamente! Em seguida, o fantasma pulou do estrado para o chão, espantando um sem-número de pessoas, e encetou um caminhar rápido para a saída da vila. Perturbadoramente, seu corpo foi se tornando mais e mais diáfano até desaparecer por completo. Por ordem do major, alguns guardas diligenciaram à cela onde o condenado estava detido e encontraram seu cadáver com uma corda presa ao pescoço, sob o catre.

O CARRASCO DE NANTES

Eu retornava a Nantes, após uma prolongada ausência na Valônia e na Flandres batava, quando dois oficiais de justiça avançaram sobre mim e, sem outras palavras, me conduziram à praça de execuções, onde o patíbulo já estava armado.

Subiram-me ao cadafalso. Tremi de pavor. Mas, quando me enfiaram cabeça abaixo o capuz vazado nos olhos, respirei aliviado. Eu seria o executor, não a vítima. Nestes tempos, não havia em Nantes o carrasco oficial e a função de verdugo era exercida por cidadãos arregimentados através de sorteio.

Entre verdugo e vítima, é evidente que eu preferia a primeira condição. Por isso alegrei-me, embora nada houvesse de agradável em decepar a cabeça de larápios ou prostitutas.

Cumpri fielmente o meu encargo, embora eu não pudesse saber quem era a vítima. A alma piedosa do alcaide de Nantes, avessa a execrações maiores que as ordinárias, fizera decretar que o executado teria a cabeça coberta por um capuz, semelhante ao do carrasco, mas sem orifícios. O corpo seria entregue, depois, aos familiares, mercê da necessidade de um enterro cristão.

Retornei a casa, portanto, com as mãos sujas de sangue. Procurei pela minha companheira, mas não a encontrei. E, quando anoitecia, a carroça mortuária parou defronte à minha vivenda. Dois piedosos beleguins fizeram entrar um corpo de mulher, que estenderam à mesa. Um terceiro trazia a cabeça da desgraçada envolvida no mesmo capuz com que fora executada.

Ao puxar o capuz pela extremidade, o beleguim revelou a face convulsa de minha mulher. Fora eu que, sem que o soubesse, a executara.

— Furto? — perguntei, em prantos.

— Fornicação — respondeu o beleguim.

Então cuspi na face do cadáver e saí de Nantes para nunca mais voltar.

M.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO DO CARRASCO DE NANTES

Sou filho do ferreiro Alphonse e de Nelly, uma ex-cortesã da taverna dos prazeres. Mamãe deveria morrer em alguns dias. Está muito mal e vem sofrendo demasiadamente com a lepra. Uma peste que ataca a tez e impinge círculos purulentos por todo corpo. Mas ela ainda nutre alguma esperança. Papai se sentou na cadeira de rodas, um hediondo patíbulo, e nunca mais se levantou. Uma viga de ferro caiu sobre suas costas, tornando-o aleijado para todo o sempre. Agora, espera – ansiosamente — a morte escolhê-lo como o próximo. Também é leproso! Ele quer morrer, ela quer viver.

Mas essa não é minha história, pois dela, a morte faz parte. Sempre andou ao meu lado, ombreada comigo. As duas, a morte e minha história, estão severamente agrilhoadas. Sou carrasco há quatro décadas e meia. Recebi a alcunha de Vorace, o Carrasco. Assim, o falecimento de outrem, mormente larápios, homicidas, adúlteros, prostitutas, estupradores e os que são afeitos ao incesto há quarenta anos e meio saiu de minhas vetustas mãos. E aconteceu de diversos modos: guilhotina, golpes de machado na nuca, afogamento, esquartejamento etc.

Assumi o ofício, que ninguém logrou ficar por mais de uma execução, numa época cuja violência alastrava-se rapidamente por Nantes. Naquele tempo, os oficiais de justiça sujeitavam qualquer do povo à função de verdugo. Escolhiam um munícipe a esmo (diziam que era sorteio, mas não estou de todo convencido) e nomeavam-no à função para efetuar a mórbida labuta.

Certa feita, um homem fora arregimentado no meio da rua e impelido a um tablado de extinção humana, onde uma mulher seria executada. Sua cabeça seria decepada aos olhos dos habitantes de Nantes. Não me recordo com clareza, mas no cair da noite souberam que a condenada tinha parentesco com o homem que a matara. Os parentes não se reconheceram porque os dois vestiam capuzes.

Foi no dia posterior, sob juramento de morte, que fui declarado verdugo oficial do governo local. A vaga ficara em aberto por quase um ano e os poucos que se aventuravam desistiam após a primeira execução, quando não antes. Jurei servir à França, com meu tétrico ofício, onde precisasse e contra quem fosse necessário. Executei muitas pessoas em praça pública, mas há

alguns anos as execuções se restringiram às residências – ou, em pior caso, onde o sentenciado fosse encontrado, mesmo que fosse em público ou dentro de algum templo religioso — dos que viviam à margem da Lei.

Há alguns minutos, guardas da intendência de polícia chegaram à minha porta. Trouxeram-me uma epístola com o novo decreto do Prefeito de Nantes. Do documento, li apenas o parágrafo que condena à morte, com investidas do machado na nuca, os acometidos pela lepra. Há, apensado ao decreto, uma lista com cinquenta e sete nomes arrolados à execução. O ferreiro Alphonse e a ex-cortesã Nelly estão listados para a extinção. Não sinto pelo meu pai, pois o homem tenciona morrer o mais rápido possível. E a execução ser-lhe-ia como dádiva, uma libertação da paraplegia. Mas mamãe... mamãe ainda luta para viver. Entretanto, serei profissional a ponto de executá-los, mesmo porque não há cura para a lepra e eu, quando abracei a profissão, jurei que abateria qualquer um que me fosse designado fazer. E se não o fizesse, seria guilhotinado em praça pública. O mais comovente é a extensão do decreto que me obriga a atear fogo aos cinquenta e sete cadáveres. Isto é, nenhum irmão ou neto ou filho poderá enterrar seu ente querido dignamente, pois todos serão sepultados, já crestados, na vala comum. Depois de toda esta mixórdia infernal, solicitarei minha aposentadoria.

P. P.

A MISSÃO DO CIDADÃO DE MAINTENON

1

O jovem cidadão de Maintenon foi chamado às pressas. O grande líder revolucionário o esperava com extrema impaciência.

O rapaz entrou no gabinete de seu chefe supremo. Excitado, olhos rígidos e lacrimejantes, Maximillien de Robespierre agitava enfaticamente um envelope timbrado, selado e rubricado pessoalmente. Gritou ao subalterno:

— É uma contraordem de execução. Corra à Praça da Concórdia. Entregue-a ao carrasco, o cidadão Chretien. Faça-o prontamente, antes que seja tarde demais.

— Quem é o beneficiário? —perguntou Gustave de Maintenon, sentindo germinar no peito uma vaga esperança.

—Corra, Gustave! Isto não lhe diz respeito.

Gustave correu. Atravessou as ruas imundas de Paris como um alucinado, fazendo o cavalo tremer e borrfifar a espuma dos beiços a cada golpe de esporas. Reavivou o cavaleiro velhas chagas e abriu novas feridas no flanco do animal. De Maintenon, fundido ao seu velho corcel negro, era uma espécie de um centauro endemoninhado, obstinado em dispersar os transeuntes que ousavam interpor-se em seu caminho. A centelha de esperança, que ardia em seu peito, inflamava-se ao açoite dos ventos e ganhava sutis labaredas.

— Meu Deus! Meu Senhor, fazei com que o perdão seja o dela! — dizia o cavaleiro a si mesmo, enquanto avançava celeremente. — Que Robespierre tenha ouvido as minhas súplicas... Que Robespierre seja clemente e a conserve com vida!

Em seu gabinete, Robespierre esperava. Tinha um sorriso sinistro nos lábios duros e cruéis.

2

Na praça da Concórdia, doze pessoas já haviam sido guilhotinadas somente naquela manhã. O ar de verão recendia ao sangue fresco que, transbordando o estrado, inundava a vala escavada em torno do patíbulo. Ao cadafalso, acabara de subir a viscondessa de la Bastide Clairence, uma das derradeiras vítimas matutinas daquela mórbida pantomima.

De Maintenon a viu a distância. O verdugo, malgrado um tanto apressado —estava faminto —, acabara de ajustar adequadamente o pescoço da amante de Gustave à guilhotina, e fizera descer sobre ele o semicírculo oco da prancheta móvel. O jovem cavalheiro cingiu, num aperto brutal, as vigorosas pernas em torno animal, que, atônito de dor, rendeu uma última e desesperada disparada.

De Maintenon apeou no último instante. A hábil mão do carrasco já se dirigia à alavanca fatal.

—Alto! — berrou o rapaz. —Trago uma contraordem de Robespierre!

O carrasco tomou o envelope da mão do cavaleiro e o examinou meticulosamente. Era autêntico.

— Não valerá muita coisa se o condenado já estiver...

— Por favor, abra o envelope e leia a mensagem.

O carrasco obedeceu. Sem nada dizer, libertou a mulher, que o fitou com olhos incrédulos. Ela agradeceu ao cidadão, que respondeu, secamente:

—Cumpro o meu dever.

Veio do populacho uma imensa vaia. Que pena! Aquela bela cabeça não rolaria...

O rapaz recebeu, calorosamente, a amante nos braços trêmulos. Beijaram-se. Choravam. Eram lágrimas de grande alívio e profundo agradecimento.

—Robespierre, Deus o abençoe! — disse o rapaz, já se virando para descer as escadas do patíbulo. Mas, antes de alcançar o primeiro degrau, ouviu a soturna voz do carrasco atrás de si:

— O senhor não pode ir. Eis o que diz a contraordem:

“Cidadão Chretien:

Liberte a mulher de la Bastide Clairence e execute imediatamente o portador desta carta. Mas a mulher liberta deve assistir à execução. É a pena comutada a ser cumprida. Nobres e plebeus não se misturam. Nem fornicam. Jamais! Seja quem for o transgressor! O preço da salvação de um é o sacrifício imediato do outro.”

E assim foi feito, para a imensa alegria da turba que assistia ao funesto espetáculo, mas agora com renovado interesse.

Naqueles dias de terror, poucas foram as execuções tão aplaudidas quanto a do cidadão de Maintenon, filho bastardo e não reconhecido de Maximillien de Robespierre, *L'Incorruptible*.

M.

SOBRE OS AUTORES

Pedro Pantoja e Mephisto, ambos escritores de coisas terríveis e cruéis, são amigos e colaboradores há mais de dez anos. Há um tema que eles admiram particularmente: patíbulo e execução. Seus contos são (quase) sempre breves e impactantes.